

rodapés da versão portuguesa para notas esclarecedoras dos múltiplos e complexos significados do conteúdo do discurso de Agostinho.

Em definitivo, as virtudes deste livro (uma breve introdução elegante e erudita, uma tradução excelente graças a uma fidelidade muito trabalhada, uma exaustiva localização das fontes, um índice onomástico bem elaborado) só nos fazem lamentar que uns autores que dão mostra de tão grande competência científica não tenham completado o trabalho com três aspectos que o teriam convertido numa obra de referência nacional e internacional: uma introdução mais aprofundada, uma série de notas esclarecedoras do valor semântico e da problemática ulteriormente originada pelos fragmentos mais controversos, e uma bibliografia actualizada. É claro que, mesmo sem tudo isto, a obra é já um extraordinário instrumento de trabalho para os estudiosos da filosofia e da latinidade, e um exemplo de invejável labor de tradução. Nada se pode objectar nesse aspecto. Apenas acontece que quanto maior competência demonstram os autores de um livro, em tanto maior direito nos achamos para exigir deles a perfeição...

CARLOS DE MIGUEL MORA

Maria Teresa Schiappa de Azevedo, *Rostos de Pessoa*, Coimbra, Minerva, 2000, 141 pp. [ISBN: 972-798-004-X].

O “universo Pessoa” é constituído por diversos mundos e múltiplas vozes. A voz central do poeta funciona como um centro que dinamiza as modulações complexas dos heterónimos, dos pseudónimos e de outras figuras intermédias. Este conjunto polifónico perfaz uma totalidade que, como muito bem viu Jacinto do Prado Coelho, articula os elementos de diversidade com uma linha de unidade profunda.

O “universo Pessoa” não se restringe, no entanto, à obra do poeta; a vastíssima produção ensaística que Fernando Pessoa tem suscitado pode ser entendida como um outro mundo, outras vozes que, em tons diferenciados, ampliam a voz inicial. Não é hoje possível ler a poesia de Pessoa sem ouvir as vozes de Eduardo Lourenço, de Ángel Crespo, de David Mourão-Ferreira — só para dar alguns exemplos —; e também não é possível entender, em profundidade, algumas características essenciais da melhor poesia pessoana, sem os contributos hermenêuticos que Maria Teresa Schiappa de Azevedo tem vindo a construir, desde 1976, em ensaios publicados em revistas e actas de colóquios.

Saúde-se, pois, a iniciativa da Editora Minerva/Coimbra que, em boa hora, decidiu publicar em volume os ensaios dispersos da autora de *Rostos de Pessoa*. O livro reúne seis textos sobre a poesia de Fernando Pessoa, bem como um esclarecedor Prefácio da ensaísta e uma Apresentação a cargo de Maria Helena da Rocha Pereira. É compreensível que seja Maria Helena da Rocha Pereira a prefaciá-lo, porque a maior parte dos ensaios de Maria Teresa Schiappa de Azevedo insere-se numa linha de investigação que tem sido seguida, há vários

anos, pela eminente professora da Universidade de Coimbra. Em livros e artigos, Maria Helena da Rocha Pereira tem perscrutado, com argúcia, a obra de alguns poetas portugueses – entre os quais se situa Fernando Pessoa – evidenciando, com rigor e erudição, a influência da cultura clássica em escritores de várias épocas e de diferenciadas tendências estéticas. Ora, é neste domínio de investigação que se situam quase todos os ensaios de *Rostos de Pessoa*. Note-se, no entanto, que o método de trabalho de Maria Teresa Schiappa de Azevedo nunca é movido por uma preocupação de *Quellenforschung*: os textos de Pessoa não são submetidos a uma minuciosa marcação de fontes e influências; muito pelo contrário, os textos são iluminados, em profundidade, por uma rede muito subtil de relações intertextuais que só a riquíssima enciclopédia clássica da ensaísta permite descortinar. Veja-se, neste contexto, o excelente ensaio intitulado “Vertentes Clássicas na poesia de Alberto Caeiro e de Ricardo Reis” (p. 81-106). Neste trabalho, a autora refunde e amplifica um artigo que havia sido publicado em 1988, no número 106 da revista *Colóquio/Letras*, sob o título “Caeiro e a língua de Virgílio” (p. 5-16). Já então, nessa primeira forma, o texto de Maria Teresa Schiappa de Azevedo conseguia seduzir o leitor logo a partir do título. Que semelhanças poderiam existir entre o complexo Caeiro — o poeta-filósofo que parece negar a metafísica e mesmo a poesia — e a língua puríssima do lirismo virgiliano? O artigo da *Colóquio/Letras* e o ensaio de *Rostos de Pessoa* respondem à expectativa de uma maneira convincente. Através de pequenos indícios, a autora consegue desmontar as ‘falácias’ de Caeiro e, ao detectar a voz de Pessoa no discurso do Mestre, lê o Poema VIII de *O Guardador de Rebanhos*, guiada pelo timbre lírico e messiânico da *Écloga* IV, de Virgílio. O carácter paródico e mesmo blasfemo do poema de Alberto Caeiro permanece na primeira parte do texto, mas a luz da ‘língua de Virgílio’ altera completamente a parte final. O Menino Jesus, de Caeiro, e o *parue puer*, da *écloga* virgiliana, são faces irmanadas de um mesmo sonho, comum aos poetas da natureza de todos os tempos: “a busca do homem primitivo, refeito na lembrança nostálgica de uma Idade do Ouro” (p. 106).

Os estudos de Maria Teresa Schiappa de Azevedo, no seguimento de trabalhos de, entre outros, Maria Helena Nery Garcez e Silva Bêlkior, permitem comprovar a presença activa de vários poetas clássicos na voz poética de Fernando Pessoa. Além de Virgílio, são também detectáveis os contributos de Lucrécio, de Safo, e, em grande medida, de Horácio. Os dois últimos ensaios do livro (“Um *Topos* Horaciano e Ricardiano: O ‘Convite ao Amor’” e “Cloe em Ricardo Reis/Fernando Pessoa”, p. 107-139) dedicam-se à tarefa sedutora, mas difícil, de deslindar os percursos seguidos pela herança horaciana no mundo aparentemente fechado das *Odes* de Ricardo Reis. Saliente-se que Maria Teresa Schiappa de Azevedo consegue evitar, com saber e sensibilidade, as leituras apressadas que transformam Horácio e Fernando Pessoa em poetas altivos e desdenhosos, no que diz respeito às exigências do afecto e da paixão amorosa. A dor de Horácio, visivelmente expressa em muitas *Odes* e *Epodos*, é, sob vários aspectos, semelhante à dor de Pessoa/Reis. Como sublinha a autora de *Rostos de Pessoa*, “à luz da lição horaciana, o amor entrou (...) em Reis já com todos os cambiantes

negativos de recusa da paixão, bem como dos sentimentos derivados de raiva e ódio, de ciúme e vingança que caracterizam, em tantas situações diversas, a atitude do Venusino frente às infidelidades ou ao repúdio das amadas (e dos amados, naturalmente)”, p. 11. A paleta erótica de Horácio é incomparavelmente mais colorida do que a de Pessoa; mas os excessos de um e a escassez de outro confluem num idêntico sentimento de abandono e solidão, aquela «irremediável solidão metafísica e psicológica» (p. 119) que também irmana Ricardo Reis e Fernando Pessoa. Aproximando a jovem Cloe ricardiana (com evidentes tonalidades horacianas) da jovem e inexperiente Ofélia — a amada intermitente de Pessoa —, Maria Teresa Schiappa de Azevedo propõe duas leituras importantes: por um lado, quebra o gelo, apenas aparente, das *Odes* de Reis; por outro lado oferece mais um elemento que nos permite dar conta da unidade subjacente à diversidade do ‘universo Pessoa’. Nesta perspectiva, os pormenores psicológicos e estilísticos coligidos pela ensaísta são extensíveis a Álvaro de Campos e a Albero Caeiro, podendo mesmo contemplar certas passagens de Bernardo Soares.

Rostos de Pessoa é um livro desafiador: nas afirmações, nas sugestões e no modo de ler que a autora perfilha. Com efeito, Maria Teresa Schiappa de Azevedo consegue aliar, com rara felicidade, a erudição rigorosa e a perspicácia interpretativa, transformando a poesia em palavras plenas de complexidade, ‘carregadas de sentido’. São disso exemplo modelar os artigos “À Volta do Poeta Fingidor” (p. 15-38), ou “Fernando Pessoa e o Nome das Flores: o Girassol e o Malmequer” (p. 53-80).

Num livro tão importante, é pena que não tenha havido uma maior preocupação com certos aspectos formais. As repetições são convincentemente justificadas pela autora no Prefácio (p. 10), mas há, aqui e ali, um certo descuido na composição do texto, bem como uma ou outra gralha, que poderiam ter sido facilmente evitadas. Como é evidente, nenhum destes pequeníssimos pormenores afecta gravemente este livro sólido e delicado. Sólido pela força dos ensinamentos, e delicado pelo sopro de afectividade e humana compreensão que Maria Teresa Schiappa de Azevedo nos transmite.

ANTÓNIO MANUEL FERREIRA

Maria de Fátima Sousa e Silva (coord.), *Representações de Teatro Clássico no Portugal Contemporâneo*, vol. II (Estudos da FLUC, n.º 35), Lisboa, Edições Colibri / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2001, 441 pp. [ISBN: 972-772-227-X].

Se o primeiro volume (Lisboa, Colibri/FLUC, 1998), com um inventário de pouco mais de centena e meia de representações de teatro greco-latino ou nele inspirado levadas à cena entre 1941 e 1998, permitia afirmar já um “gosto